

# **FERNANDO PINTO DO AMARAL**

Entrevistado por Maria Augusta Silva

**Estudou medicina e quase a concluir o curso mudou de rumo e escolheu Literaturas Românicas. Foi professor da Faculdade de Letras de Lisboa. A sua poesia está traduzida em diversas línguas. Publicou, entre outras obras, *Pena Suspensa*, *Poesia Reunida*, e na literatura infanto-juvenil *A Aventura no Game Boy*, livro ilustrado com belíssimos desenhos de Laura Amaral, filha do poeta e da jornalista e escritora Inês Pedrosa. Na arte poética assina ainda livros como *A Escada de Jacob* e *Às Cegas*. Comissário de eventos de referência, nomeadamente da exposição *100 Livros do Século*, distingue-se ao mesmo tempo como ensaísta e tradutor. O ensaio *O Mosaico Fluido* (1991) e a tradução de *Flores do Mal*, de Baudelaire (1992) valeram-lhe os prémios do Pen Clube.**

## **Os poetas são almas que merecem ir para o céu ou para o inferno?**

O principal é que tenham alma. A maioria irá para o purgatório. Espero um dia também ir. Uma expiação faz bem a toda a gente.

## **Será por acaso que o seu novo livro se chama *Pena Suspensa*?**

Gosto de títulos que permitam abertura. Uma pena ameaça sempre. Enquanto estamos sob pena suspensa temos uma liberdade condicional. Para mim, todo o ser humano vive em liberdade condicional. A liberdade total não existe. É uma visão interessante do ponto de vista literário, mas não tenho essa visão do mundo. Nem da literatura.

## **O amor e a morte, muito presentes na sua poesia, procuram o coração, mesmo que metaforicamente. Porquê?**

Coração é uma palavra com uma carga que me agrada. Quando escrevemos, temos de tentar atingir o coração das coisas. O coração humano é um sinal do que pode ser o coração do mundo. A poesia, como toda a literatura, toda a arte, procura chegar ao coração do mundo.

## **Poetas: protagonistas da liberdade suprema?**

Poesia é liberdade, mas há um constrangimento, uma espécie de obediência que o poeta segue e não pode ignorar. Por vezes, não me sinto livre de escrever o que quero. O poema vai-se gerando a partir de uma coisa que me aconteceu.

## **Liberdade e obediência, não há aí um contra senso?**

Não. A própria escrita, a própria vida, as próprias circunstâncias me exigem que escreva aquilo.

### **Quem é, nesse caso, o sujeito do poema?**

Sou eu, movido por uma força que, de certa maneira, me ultrapassa. Não é uma questão mediúnica. Tem que ver com um estímulo, uma personagem que me marcou, um momento, uma imagem que se impõe a mim próprio, fico obcecado. É nesse sentido que obedeco.

### **Reafirma num poema a expressão proverbial de que "o crime não compensa"...**

Esse verso refere-se sobretudo às relações humanas. Mesmo aqueles que pensam que o crime compensa, um dia vão chegar à conclusão de que não compensa. Há uma dimensão ética a partir da qual, mais tarde ou mais cedo, reconhecemos isso.

### **Como entender o aumento da criminalidade, sociedades cada vez mais violentas?**

É uma questão social que deve preocupar toda a gente. Vivemos em sociedades desumanizadas e gerou-se, ao mesmo tempo, a ideia de que não há castigo para os crimes. Para um crime tem de haver castigo.

### **Há crimes que a justiça não consegue provar...**

É dramático porque, ao criar-se a ideia da impunidade, isso faz com que aumente a criminalidade. Temos é de saber quais os limites e perceber que um dos grandes valores das nossas sociedades, do qual não podemos abdicar, é a tolerância, mas, a par disso, precisamos de ter noção do valor da segurança e conciliar os dois.

### **Situam-se aí os grandes défices das sociedades modernas?**

É muito difícil gerir isso na prática. Incorre-se, por vezes, num excesso de medidas de segurança ou numa tolerância excessiva. Temos de perceber que vivemos numa sociedade livre, devemos

respeitar os direitos humanos, contudo não podemos dar argumentos à extrema direita para instaurar ditaduras.

### **Esses perigos não existem na extrema esquerda?**

Sim, mas agora o perigo maior, em termos de ditaduras, vem da extrema direita. Em Portugal isso não é tão premente, mas são questões essenciais na Europa.

### **Volto à sua poesia: A vida é, de facto, um "baralho muito antigo e viciado"?**

Nesse poema referia-me às palavras que utilizamos. Aí, sim, acho que é um baralho muito antigo e viciado. Palavras como liberdade, democracia, direitos humanos, homem, mulher fazem parte de um baralho antigo e viciado, no sentido de terem servido ao longo da história humana para muita batota.

### **O seu grande segredo é o sonho?**

Talvez. Não podemos abdicar disso. Em qualquer momento da nossa vida, em qualquer idade há sempre uma porta que se abre, uma luz que está ali. Temos de perseguir essa luz. Se não, tendemos a cristalizar em torno de rotinas e não seremos capazes de um mínimo de capacidade de renovação. É a maior ameaça que pode existir sobre qualquer um de nós. E na literatura, na arte, é dramático e perigoso.

### **Hoje, a tendência é para sermos miméticos, muito iguais uns aos outros?**

A influência que têm sobre nós certos produtos de consumo de massas pode, eventualmente, fazer-nos correr esse risco, mas penso que a tendência vai noutra direção. Por exemplo: há mais canais de televisão do que há 30 ou 40 anos. Editam-se mais livros. A oferta

alargou-se. As pessoas podem fazer mais escolhas. Temos, porém, de pensar pela nossa cabeça e conservar um espírito crítico.

### **Vive mais com a razão ou a paixão?**

Com ambas. As grandes escolhas da minha vida são, no entanto, muito baseadas na emoção. Apesar de tudo, se há qualquer coisa que nos distingue na natureza, é olhar para o mundo tentando que possa fazer algum sentido. E essa busca de sentido passa por processos mais associados à razão. Do ponto de vista político, por exemplo, acho perigoso cedermos a qualquer forma de irracionalidade. Tenho muito medo das abstrações na política.

### **Na literatura, a abstração é natural?**

Aí, há um sentido na própria emoção que faz com que essa emoção tenha depois uma justificação que está para lá de si própria. Devemos aderir a essa emoção, porque faz sentido até do ponto de vista da natureza.

### **Também o amor cabe na razão?**

É vivido ao nível da emoção, mas há uma razão universal por detrás da ideia do amor. Qualquer coisa que tem que ver com um sentido cósmico das coisas.

### **Na sua poesia, o amor parece fazer todo o sentido...**

Porque o amor responde a essa busca de sentido. O amor ainda pode dar um sentido à existência humana. É talvez o que dá sentido à vida da maioria das pessoas.

**É autor d'*A Escada de Jacob*. Sete anos e mais sete anos serviu Jacob para conseguir a amada Raquel. Seria capaz de servir assim por amor?**

Só quem nunca esteve muito apaixonado poderá ter essa dúvida. Quando se está apaixonado, faz-se tudo.

### **Faz ideia de quantos livros já leu?**

Uns milhares. Não sou, contudo, aquele tipo de pessoa que começa a ler um livro de manhã e o acaba à noite e no dia seguinte já tem de ler outro. Essa atitude acaba por não permitir o saborear de cada livro. A velocidade, nesse aspeto como em tantas coisas da vida, é inimiga do prazer.

### **Defende, enquanto professor, que o inglês, no ensino português, deva ser obrigatório a partir dos oito anos?**

Acho muito bem, no entanto é pouco. Deviam ser obrigatórios o inglês e mais duas línguas estrangeiras. Os alunos precisam escolher de entre uma gama de línguas mais usadas na Europa e no mundo — estou a pensar no francês, no alemão e no castelhano. Por que há um ceticismo relativamente à ideia europeia? Porque a Europa é um mosaico de identidades linguísticas e culturais.

### **Poder-se-ia tirar proveito disso...**

E vamos tirar proveito. Mas para tirar proveito temos de saber línguas. As gerações dos nossos filhos e dos nossos netos deveriam aprender, pelo menos, três, quatro línguas estrangeiras para se movimentarem com mais facilidade e não olhar para os outros europeus de uma forma alheia. De outro modo, a Europa chegará a um ponto em que será muito difícil uma integração maior.

### **O chinês não tardará a que tenha de ser, também, língua obrigatória?**

Todo o sistema gráfico e fonético é de tal modo diferente que precisamos de ter a noção das nossas afinidades culturais. Agora, como opção, sem dúvida nenhuma, sou o primeiro a aplaudir.

### **E o português afirmar-se-á de verdade como uma língua de comunicação e de desenvolvimento?**

Por que não? Uma língua de comunicação, de cultura, de comércio, de intercâmbio. Somos bafejados pela sorte porque o português é falado por 200 milhões.

### **Graças ao Brasil...**

É muito graças ao Brasil mas é português e tornou-se uma língua universal. Temos de nos afirmar sem complexos. A nossa língua insere-se num grupo — as línguas românicas — que tem a sua força própria. Nesse aspeto cultural-linguístico estamos próximos dos espanhóis, dos catalães, dos franceses, dos italianos, até dos romenos.

### **De qualquer modo, não está o mundo ocidental a abrir-se mais à cultura oriental?**

Faz parte de uma busca individual. É um sintoma da necessidade que as pessoas têm de alguma transcendência. Nota-se uma atração por certas filosofias e misticismos orientais. Respeito, é legítimo. Pessoalmente tenho um fascínio do ponto de vista de quem pode olhar para essas coisas com curiosidade mas não as aplico na minha vida. Defino-me, apesar de tudo, dentro da matriz ocidental.

### **Essa busca individual intensifica-se quando se agravam os conflitos sociais?**

Também. Mas é mais intensa quando as pessoas não veem nas religiões tradicionais uma resposta para os seus problemas.

## **Andamos sempre à procura da salvação?**

Sempre. Muitos prometem essa salvação, no entanto a salvação não é nada que nos seja oferecido. Temos de ser nós, pouco a pouco, a saber merecê-la. Mas nunca está merecida. Há que ter uma consciência muito humilde da nossa pequenez. Podemos tentar a cada momento dar o nosso melhor — esse é o meu lema — mas sempre com a consciência de que, provavelmente, estamos a falhar muito e merecemos pouco a salvação.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*